

Mostre a língua

Cenatexto

A caminho do posto de saúde, Gracinha relatou minuciosamente a Elvira como tinha sido a consulta médica no hospital. A forma como Gracinha contou o fato fez Elvira supor que o médico que havia atendido o bebê era um péssimo profissional. Hoje, saberemos como tudo aconteceu. Não por um relato da mãe, mas através de um narrador.

O grande movimento naquele hospital-escola é promovido pelo excelente trabalho realizado pelos médicos residentes. Além de eficiente, o atendimento é gratuito – o que faz com que a procura seja sempre maior que a possibilidade de atendimento. Apesar das muitas dificuldades, os professores e estudantes do curso de medicina procuram manter a fama que alcançaram na cidade.

Um dos plantonistas de hoje na emergência é o jovem dr. Hugo. O cansaço é visível em seu rosto; afinal, há doze horas ele está no ar, atendendo aos mais diversos casos. Com alívio percebe que chegou a hora de voltar para casa. Antes de sair, porém, se lembra de ter sido abordado, no corredor, por uma mulher aflita, com um bebê ao colo e reclamando que esperava ser atendida. O médico constata que uma rápida consulta poderia diminuir o sofrimento da preocupada mãe. Assim, pede que ela entre no consultório e, para ganhar tempo, inicia rapidamente o atendimento, enquanto lê, na ficha, o nome da mãe:

– Vamos começar por uma breve anamnese, certo?

Aquela proposta deixa a mãe na dúvida: o que será isso? Como não pergunta, fica sem saber. Ela permanece em silêncio.

O médico tem pressa:

– Qual é o seu problema, dona Maria das Graças?

– Acho que o problema todo foi um mingau que parece que embuchou na boca do estômago. Com isso o menino parou de obrar durante dois dias. De lá pra cá, tá que parece água.

– O problema é com ele, então? – interrompe o médico, já que na ficha só constava o nome da mãe.

– É sim. Eu nem sei mais o que fazer. Ainda mais depois que ele começou a pôr pra fora. Nem água tá vertendo mais, doutor. Tá enrugando todo.

O jovem médico percebe que para traduzir os fatos relatados pela paciente será necessário o uso da sua imaginação. Os livros de medicina fazem uso de uma linguagem totalmente diversa daquela utilizada no consultório. Mas essa arte não faz parte do currículo escolar, por isso a adaptação do recém-formado à realidade leva algum tempo e muita experiência para se completar.

Impaciente com a dificuldade em entender completamente o que ouvia, o médico resolve passar logo ao exame físico. Conclui, sem maiores dificuldades, que a criança está num princípio de desidratação não muito intensa. Os sintomas são evidentes: elasticidade cutânea um pouco diminuída; leve depressão da fontanela; os olhos um pouco encovados; ausência de febre.

- Seu filho está precisando de uma reidratação. Não se preocupe: não será necessária a via intravenosa, uma solução oral resolverá o problema. A senhora sabe fazer um soro caseiro, não sabe?

Como aquela pergunta induzia a um "sim", Gracinha não quis passar por ignorante, dizendo "não". Apenas balançou a cabeça afirmativamente.

- Muito bem. Ofereça soro às colheradas, espaçando-as, para favorecer a tolerância gástrica. Não há necessidade de outra terapêutica por ora. Nem mesmo antipirético será necessário. Hoje, suspenda a alimentação.

Assim acaba a consulta: o médico, satisfeito por ter indicado como evitar a desidratação intensa da criança; a mãe, frustrada por sair como chegou.

Essa é a versão dos fatos tal como aconteceram. Na verdade, o jovem médico e a jovem mãe situavam-se em mundos diferentes.



A Cenetexto de hoje mostra com clareza que, para se entenderem, duas pessoas precisam usar a mesma linguagem. Não adianta falar a mesma língua, é preciso ter o mesmo vocabulário. O médico e Gracinha falaram a Língua Portuguesa, mas isso não foi suficiente para eles se entenderem. Claro que a situação que trazemos aqui é pouco provável, pois um médico nunca se dirige dessa forma a um paciente. Em geral, os médicos procuram simplificar a sua linguagem e se adaptar ao nível e aos conhecimentos de seus pacientes. Essa deveria ser a atitude mais correta.

Repare na fala de Gracinha:

"Eu acho que o problema todo foi um mingau que parece que **embuchou** na boca do estômago. Com isso o menino parou de **obrar** durante dois dias. (...) Nem água tá **vertendo** mais."

As palavras não entendidas pelo médico foram:

embuchar. V. t. d. 1. Meter no bucho; encher o bucho com. 2. Fartar, saciar. 3. Encher o estômago até saturar e ficar obstruído.

obrar. V. t. d. 1. Converter em obra; fazer, executar, realizar. 2. Fabricar. 3. Produzir, fazer. 4. Defecar.

verter. V. t. d.. 1. Fazer transbordar; entornar, derramar: 2. Fazer sair com ímpeto; jorrar. 3. (Pop.) Urinar.

Dicionário

Repare no resultado do exame feito pelo médico e suas falas para a mãe, que ficou sem entender praticamente nada:

“Os **sintomas** são evidentes: elasticidade **cutânea** um pouco diminuída; leve **depressão** na **fontanela**; os olhos um pouco **encovados**; ausência de febre.

– Seu filho está precisando de uma reidratação. Não se preocupe: não será necessária a via **intravenosa**, uma solução oral resolverá o problema. A senhora sabe fazer um soro caseiro, não sabe? (...)

– Muito bem. Ofereça soro às colheradas, espaçando-as, para favorecer a tolerância **gástrica**. Não há necessidade de outra **terapêutica** por ora. Nem mesmo **antipirético** será necessário. Hoje, suspenda a alimentação.”

Algumas dessas palavras você já conhece, como **hidratação**, **solução oral**, **reidratação**. Veja a seguir um pequeno glossário para o uso de outras:

sintoma. S. m. 1. (Med.) Qualquer fenômeno ou mudança provocada no organismo por uma doença, e que, descrito pelo paciente, ajuda a estabelecer um diagnóstico. 2. (Fig.) Sinal, indício.

cutânea. Adj. 1. Pertencente ou relativo à cutis, ou cute. 2. Da cútis, da pele.

depressão. S. f. 1. Ato de deprimir-se. 2. Abaixamento de nível resultante de pressão ou peso. 3. Debilidade, enfraquecimento.

fontanela. S. f. 1. (Anat.) Espaço membranoso que os recém-nascidos apresentam no crânio; moleira.

encovado. Adj. 1. Metido em cova ou buraco. 2. Escondido, oculto. 3. Diz-se dos olhos que ficam muito no fundo das órbitas.

intravenoso. Adj. 1. (Med. e Cir.) Relativo ao interior da veia. 2. Que se dá ou aplica no interior da veia.

gástrico. Adj. 1. (Anat.) Relativo ao estômago.

terapêutica. S. f. 1. Parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar os doentes; terapia.

antipirético. Adj. 1. Que afugenta a febre, ou que a combate. S. m. 2. Medicamento contra a febre.

Há ainda um terceiro conjunto de palavras que foram usadas pelo narrador da Cenatexto. Observe estas expressões e seus significados:

hospital-escola. S. m. Hospital em que se formam os médicos e os especialistas nas diversas áreas da medicina. Geralmente, são instituições ligadas a uma universidade, hospitais que funcionam como escolas ou faculdades.

médico residente. S. m. É o médico que já terminou sua formação universitária, mas continua ligado ao hospital-escola, que lhe dá a experiência e especialização necessária. Nessa período, ele praticamente reside (ou mora) no hospital, atendendo os pacientes com a supervisão de médicos mais experientes.

plantonista. S. m. Aquele que presta um serviço noturno ou em dia e horários fora do expediente comum; aquele que dá plantão.

Agora que você conhece o significado das palavras que causaram problema na consulta médica, atue como intérprete entre Gracinha e o médico. Para resolver as questões, siga o modelo abaixo:

- Qual é o problema, Maria das Graças?
- O mingau **embuchou** na boca do estômago.
- O quê?
- O mingau encheu até saturar a boca do estômago.

- a) - O que aconteceu?
 - O menino **parou de obrar** durante dois dias.
 - O quê?
 -
- b) - Continue, dona Maria das Graças.
 - Nem a água tá **vertendo**!
 - O quê?
 -
- c) - E então, doutor?
 - A **elasticidade cutânea** está um pouco *diminuída*.
 - O quê?
 -
- d) - Doutor, o que eu tenho que fazer?
 - Faremos uma **reidratação** através de **solução oral**.
 - O quê?
 -
- e) - Posso dar muito soro, doutor?
 - Dê espaçadamente para favorecer a **tolerância gástrica**.
 - Pra favorecer o quê?
 -
- f) - Precisa mais algum cuidado especial?
 - Não use nenhum antipirético por enquanto.
 - Não é pra usar o quê, doutor?
 -

1. Pelo relato da Cenatexto, você diria que o jovem médico prestou um mau atendimento? Justifique sua posição com passagens da narrativa.
2. Quais são os dois grandes motivos pelos quais o hospital-escola da cidade de Gracinha tem tanto movimento?
3. Apesar de todo o cansaço do médico, que estava há mais de doze horas trabalhando, ele resolve atender Gracinha. O que o levou a essa decisão?
4. O narrador, num trecho da Cenatexto, lembra que os livros de medicina fazem uso de uma linguagem diversa daquela usada no consultório com os pacientes. O que ele quis dizer ao escrever que “*essa arte não faz parte do currículo escolar*”?
5. Gracinha, num determinado momento, sentiu-se forçada a concordar com o médico. Por que ela agiu assim?

Entendimento

Reescritura



Na Cematexto da Aula 38, Gracinha disse que o médico era um antipático. Na Cematexto desta aula, você soube o que aconteceu com ela, através da história contada por um narrador. Agora, conte como foi a consulta, como se você fosse Gracinha. Lembre-se de que ela estava aborrecida, decepcionada e assustada.

“Que médico antipático! Esperei um tempão pra ser atendida. Quando ele apareceu no corredor, perguntei se ele podia me atender e ele disse que não sabia se ia dar tempo. Depois de um tempão, ele me chamou e já foi logo me avisando que a tal da anamnese ia ser rápida. E eu lá podia discordar? Nem sei o que é isso.”

.....
.....
.....
.....

Aprofundando

Na aula passada, você aprendeu que a palavra ou expressão que caracteriza o sujeito, ligando-se a ele por um verbo de ligação, se chama *predicativo do sujeito*. Observe o caso da expressão a seguir:

A vantagem do posto era o bom atendimento.

Relembrando as aulas anteriores, você sabe que esse é um período simples, pois tem apenas uma oração. Mas, se tivermos um período composto, a situação muda e o predicativo do sujeito se transforma numa oração. Veja:

a) *A vantagem do posto era o bom atendimento.* (uma oração)
predicativo do sujeito

b) *A vantagem do posto era que lá as pessoas eram bem-atendidas.* (duas orações)
oração subordinada substantiva predicativa

No caso de b), o predicativo do sujeito, que foi transformado em oração, chama-se *oração predicativa*.

1. Seguindo o modelo abaixo, transforme o predicativo do sujeito em oração predicativa:

O problema era a desidratação do menino.
predicativo do sujeito

O problema era que o menino estava desidratado.
oração predicativa

a) A preocupação de Gracinha era *a saída do médico*

b) A sorte de Gracinha foi *a chegada de Elvira*

c) O desejo de Gracinha era: *a recuperação rápida de seu filho*

Nesta seção de Literatura, você vai ler um trecho de uma peça de teatro escrita por Ariano Suassuna, membro da Academia Brasileira de Letras. Segundo o próprio Suassuna, essa peça, intitulada *O santo e a porca*, encenada pela primeira vez em 1958, no Teatro Dulcina, do Rio de Janeiro, tenta discutir a questão da *traição*. Para Suassuna, “*O Santo e a Porca* apresenta a traição que a vida, de uma forma ou de outra, termina fazendo a todos nós”. Parece que a maior de todas essas traições é a morte. O autor disse que colocou no Nordeste o personagem Euricão, um árabe sovina que só pensa no dinheiro, para simbolizar que todos nós somos uns “desterrados” - estrangeiros nessa vida. A *porca* é de madeira, servindo como cofrinho para guardar o dinheiro. No entanto, Euricão perde a porca, que com tanto cuidado foi alimentando com todas as suas economias. Mas há o *Santo*, que é o Santo Antônio - santo casamenteiro e protetor da porca. Todos nós ficamos na dúvida entre o Santo e a Porca. Às vezes queremos o Santo; às vezes, a Porca.

Leia a seguir um trecho dessa divertida peça:

O santo e a porca

Eudoro Bom dia, Eurico Árabe. Santo Antônio o guarde, Santo Antônio o proteja a você e a toda sua família.

Euricão (À parte, a Caroba.) Se não for dinheiro emprestado, eu estufe! Que Santo Antônio também o proteja, Eudoro Vicente.

Eudoro Então sempre em saúde e prosperidade, hein?

Euricão É dinheiro, não tem pra onde! Prosperidade, eu? Você sim, pode dizer que vai bem com todas aquelas fazendas!

Eudoro Que adianta a terra, Eurico? Vem a seca e morre tudo. A felicidade é que eu tenho amigos e são eles que me valem nas horas de aperto.

Euricão É dinheiro emprestado, não tem pra onde! Você gosta de contar desgraça, mas é para esconder a fortuna. Eu é que só tenho, para contar, miséria. Os ricos, como você, contam dinheiro, Eudoro, os pobres, como eu, desgraça.

Eudoro Que nada, isso é modéstia! E quanto à crise, se puder fazer alguma coisa para ajudá-lo...

Euricão Isso parece promessa, mas é para preparar o pedido. Está faminto, sedento por dinheiro emprestado.

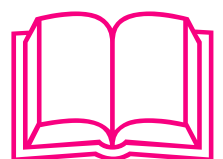
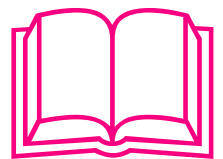
Eudoro Que tal lhe parece minha família?!

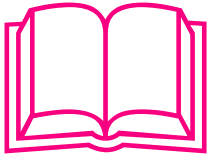
Euricão Boa.

Eudoro E meu caráter?

Euricão Bom.

Eudoro E meus atos?



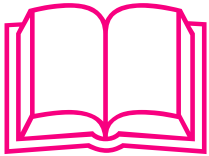


Euricão Nem maus nem desonestos.

Eudoro Qual é a opinião que você tem de mim?

Euricão Sempre o considere um cidadão honrado.

Eudoro Pois eu também acho você um cidadão sem defeitos.

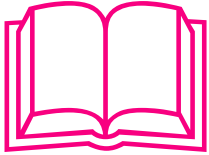


Euricão Se não for dinheiro emprestado, eu que me dane! o que é que você quer?

Caroba Seu Euricão, o senhor sabe perfeitamente que seu Eudoro gostou de uma pessoa de sua família.

Euricão Sei, mas pensei que isso já tivesse passado.

Caroba Ora passado, agora foi que começou! A simpatia que essa pessoa inspirou a seu Eudoro só fez aumentar com a separação. Pois bem, seu Eudoro veio pedi-la em casamento.



Euricão Está dada, pode se considerar noivo. mas eu preciso de vinte contos emprestados para fazer a festa do casamento.

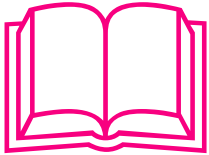
Eudoro Mas eu ainda não sei se ela aceita!



Euricão A responsabilidade é minha, pode se considerar noivo! Não está vendo que eu não vou perder uma oportunidade dessa? Você está noivo, Eudoro, e eu preciso de vinte contos, esse é que é o fato.

Eudoro Então mande chamar Margarida.

Euricão Margarida? Pra quê?



Caroba Seu Eudoro quer vê-la depois de tanto tempo, é perfeitamente natural, seu Euricão. Ele já viu dona Benona, agora que ver dona Margarida.

Euricão Ah, sim. mas quero logo lhe dizer, Eudoro, que ela esteve lá foi a convite seu. Eu não convidei ninguém, você vai para o hotel de Dadá.

Eudoro Está bem, mas posso ver a Margarida?



Euricão Pode, por que não?

Eudoro Diziam que você era tão cheio de coisas com ela!

Euricão Ah, sou. Mas confio em você, por causa de sua idade e porque agora você é noivo. Você promete ir para o hotel?



Eudoro Prometo, homem cuidadoso! Não fica bem eu, noivo, hospedado em casa de noiva, não é?

Euricão Ah, é, nessas coisas eu sou inflexível! Basta dizer que mantenho um guarda, pago com meu dinheiro, só para tomar conta de Margarida. Tem ordem de não deixá-la um só instante.

Eudoro Um guarda? Um homem?



Euricão Sim, mas é tão feio que não há perigo. Margarida tem ódio dele. Mas eu gosto, porque ele é prudente e econômico, chega a me dar lições. Chama-se Dodó.

Eudoro Meu filho tem esse mesmo apelido de Dodó!

Caroba Mas seu filho é coxo?

Eudoro Você já morou em minha terra e sabe que não.

Caroba É corcunda?

Eudoro Não.

Caroba Tem uma barbicha?

Eudoro Não.

Caroba Veste sempre preto?

Eudoro Não.

Caroba É amarrado?

Eudoro Não.

Caroba Tem a boca torta?

Eudoro Não.

Euricão Então não é esse não, porque Dodó Boca-da-Noite tem tudo isso e mais alguma coisa. Vou chamar os dois aqui. Margarida! Dodó Boca-da-Noite.

Fonte: *O santo e a porca*, Ariano Suassuna. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 10ª edição, 1994, págs.26-28.



O mundo ficcional de Suassuna está recheado de temas e do linguajar do sertanejo típico. Tem todas as características da narrativa oral, aquelas histórias contadas pelo povo nas calçadas, nesse mundo de interior ou de noites ao lado do fogão. Histórias que também são contadas na forma poética da poesia popular. Com sua conhecida e festejada peça *Auto da compadecida*, Suassuna inaugurou uma nova forma de fazer teatro no Brasil.

O teatrólogo e romancista **Ariano Vilar Suassuna** nasceu em 1927, na cidade de Nossa Senhora das Neves, na Paraíba., Criou-se e cresceu no sertão paraibano. Vive atualmente no Recife, onde cursou Direito e foi professor de Estética no Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Na década de 40, ajudou a fundar o Teatro do Estudante de Pernambuco, com grande atuação. Também desenha. Entre a vasta produção do autor, estão: *Uma Mulher vestida de sol*; *O arco desolado*; *Auto da compadecida*; *O casamento suspeito*; *O santo e a porca*; *Farsa da boa preguiça*; *A pedra do reino*; e muitas outras.

